



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM POLÍTICAS PÚBLICAS
III JORNADA INTERNACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS
QUESTÃO SOCIAL E DESENVOLVIMENTO NO SÉCULO XXI



POLÍTICA DE ESTADO PARA O LIVRO E LEITURA:
um itinerário na formação da sociedade leitora maranhense

Edmilson Moreira Rodrigues*

RESUMO

Este trabalho se empenha em apresentar contornos mais nítidos do cenário em que se insere a questão da *leitura* e do *livro* no país. Com uma preocupação centrada no que tem criado o governo brasileiro: Programas, Planos, Leis, Projetos que objetivam minorar o déficit de leitura do homem brasileiro. Como exemplo atual podemos citar o **Plano Nacional do Livro e Leitura** — PNLL — que é um conjunto de projetos, programas, atividades e eventos na área do livro, leitura, literatura e bibliotecas em desenvolvimento no país, empreendidos pelo Estado. E nesse cenário damos maior ênfase à formação da sociedade leitora maranhense.

Palavras-chave: Leitura, Políticas Públicas.

ABSTRACT

This work if pledges in presenting clearer contours of the scene where if it inserts the question of the reading and the book in the country. With a centered concern in what the Brazilian government has created: Programs, Plans, Laws, Projects that objectify to minorar the deficit of reading of the Brazilian man. As current example we can cite the **Plano Nacional do Livro e Leitura** — PNLL — that it is a set of projects, programs, activities and events in the area of the book, reading, literature and libraries in development in the country, undertaken for the State. And in this scene we give to greater emphasis to the formation of the maranhense reading society.

Word-key: Public reading, Politics.

1 INTRODUÇÃO

O Governo brasileiro, a sociedade civil e instituições acadêmicas têm tentado, ao longo da história da sociedade brasileira, forma uma sociedade leitora. Para isso tem criado, o governo brasileiro, Programas, Planos, Leis, Projetos que venham minorar o déficit de leitura do homem brasileiro. Como exemplo atual podemos citar o **Plano Nacional do Livro e Leitura** — PNLL — que é um conjunto de Projetos, Programas, atividades e eventos na área do livro, leitura, literatura e bibliotecas em desenvolvimento no país, empreendidos pelo Estado (em âmbitos federal, estadual e municipal) e pela sociedade. Cujas prioridades é transformar a qualidade da capacidade leitora do Brasil e trazer a leitura para o dia-a-dia do brasileiro. E ainda, a lei do livro **Nº 10.753, de 30 de outubro de 2003**, que institui a Política Nacional do Livro. A qual em seu artigo primeiro declara: Esta Lei institui a Política Nacional

*Professor da Rede pública Municipal de São Luís SEMED, Mestrando em Políticas Públicas – UFMA.

do Livro. Mais importante ainda é o que aduz o inciso I - assegurar ao cidadão o pleno exercício do direito de acesso e uso. Por aí já se percebe o que pretende: assegurar o acesso. Porém, outras questões podem ser levantadas, tais como a dimensão econômica, social, formação, diversidade cultural.

Não há uma necessidade de fazer com que o livro seja instrumento constante de contato, de ato prazeroso; visto que os programas, não levam em consideração a diversidade cultural e econômica da sociedade.

A leitura e a escrita são, na contemporaneidade, instrumentos decisivos para que as pessoas possam desenvolver, de maneira plena, seu potencial humano e caracterizam-se como fundamentais para fortalecer a capacidade de expressão da diversidade cultural dos povos.

Porém, é notório que nem só de leis e programas se fazem leitores, é necessário que Políticas Públicas sérias sejam criadas e continuadas. Visto que a leitura e a escrita devem ser consideradas base nas políticas públicas de educação e cultura dos governos em todos os seus níveis e modalidade de ensino e de administração.

Neste primeiro momento, o governo brasileiro, está compilando, sistematizando e divulgando as ações em prol do livro e da leitura realizadas no país através de seu Mapa de Ações. E depois? Pois sabemos que a leitura sempre foi questão superficial para todo governo.

Será necessário que a partir deste mapeamento, criem-se condições para o intercâmbio e a sinergia entre ações similares, os programas de há muito existentes: Leia professor leia, A leitura em minha casa, Proler, Pró leitura, e o mais recente, Fome de Livro e que potencializem-se recursos públicos e privados, priorizando-se algumas ações macro que se tornem o motor para o desenvolvimento, nos próximos anos, de uma Política de Estado para o Livro e Leitura.

E no Maranhão? Quais leituras? Desde os primórdios da formação da sociedade brasileira, que o homem maranhense é preocupado com a questão da leitura.

Aqui é de bom tom começar este texto pedindo licença poética a um dos vultos modernos da literatura maranhense, para introduzir este trabalho de e sobre a leitura em São Luís; pois, como colore Domingos Vieira Filho

a cidade de São Luís, velha de mais de trezentos anos, com uma história emocionante celebrada por seus poetas em versos tão doces, famosa não só pelos sobrados de mirantes graciosos alteando-se para o céu e de soberbos azulejos portugueses, belgas, e franceses de Desvres, Calais, como pela irreverência e espírito de seus habitantes, esse burgo nobre ... (Domingos Vieira Filho, 1971)

Que é o tema desse trabalho versando sobre a formação da sociedade leitora de São Luís, num possível diálogo entre os homens da edilidade maranhense e suas produções.

Saber ler é uma exigência das sociedades modernas. Há, contudo, uma importante diferença entre saber ler e a prática efetiva da leitura. Se a habilidade de leitura é uma necessidade pragmática e permite a realização inclusive de atividades básicas, como deslocar-se de um ponto a outro, fazer compras e realizar tarefas cotidianas, entre outras ações, a prática da leitura é importante instrumento para o exercício da cidadania e para a participação social.

Sem olvidar que, para Caldas (1997, 6) "*Ler é discordar do poder e da autoridade, ler é confirmar o humano em nós através do diálogo.(...) O ato de ler é antes de tudo ação destrutiva.*"

Pelo exposto, oportuno se faz concatenar a epígrafe de Lajolo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, em Linguagens Códigos e suas Tecnologias – “principal razão de qualquer ato de linguagem é a produção de sentido”. E, mais ainda, no mundo contemporâneo, marcado por um apelo informativo imediato, a reflexão sobre a linguagem, a leitura e seus sistemas, que se mostram articulados por múltiplos códigos e sobre os processos e procedimentos comunicativos, é, mais do que uma necessidade, uma garantia de participação ativa na vida social. A cidadania desejada, pode-se dizer.

1.1 Nos meandros do procedimento

Sabe-se que a percepção de um fenômeno não se dá imediatamente ao seu observador e que a maneira como o percebemos é apenas uma das faces que ele se mostra, pode-se dizer que essa é uma das formas de sua existência. Esse entendimento implica, portanto, em que se busque explicar não só esse momento primeiro de aparição, mas a necessidade de explicá-lo em suas múltiplas dimensões.

Dito isto é importante salientar que, na sociedade de hoje, não há muitos indícios de leituras dos autores de antanho, pois não só há uma deficiência nas edições esgotadas, bem como da falta de incentivo da leitura e possível divulgação dos mesmos na sociedade, causando até um olvidar de nomes e obras. Tais como - Clodomir Cardoso, Pe Antonio Vieira, Casimiro Júnior, Maranhão Sobrinho, Nascimento Moraes, Nina Rodrigues, Vespasiano Ramos, Benedito Leite, Antonio Lobo, Sotero dos Reis, e muitos outros que não caberiam aqui, mas que foram todos eles, formadores de leitores e de homens de saber da sociedade maranhense, cada qual a seu tempo, em busca da superação do ser colonizado, pois como convém ressaltar com Antonio Candido –

As letras e idéias no Brasil colonial se ordenam, pois, com certa coerência, quando encaradas segundo as grandes diretrizes que as geraram. Em ambas coexistiram a pura pesquisa intelectual e artística, e uma preocupação crescente pela superação do estatuto colonial. Esse pendor, favorecido pela concepção ilustrada da inteligência a partir da segunda metade do século XVIII, permitiu a precipitação rápida da consciência nacional durante a fase joanina, fornecendo bases para o desenvolvimento da nação independente” (Antonio Cândido, 1985)

Que ao depois, os fez olhar à pátria e produzir objetos de leituras e obras de importância, tais como Casa grande e senzala, Raízes do Brasil, Minha formação e muitas outras que espelham a vida em formação.

2 UM BREVIÁRIO DA EDITORAÇÃO NO MARANHÃO

O Brasil chega ao século XXI, momento em que a difusão do audiovisual assume imensas proporções, ainda com enorme déficit no que diz respeito às práticas leitoras dos textos escritos. Nossos índices de alfabetização (*stricto e lato sensu*) e de consumo de livros são ainda muito baixos, na comparação com parâmetros de países mais ricos e desenvolvidos e mesmo com alguns dos países em desenvolvimento da América Latina e da Ásia.

Na pesquisa *Retrato da leitura no Brasil*, ainda precária e insuficiente, mas a maior investigação já feita no Brasil sobre leitura fora de uma perspectiva prioritariamente “escolar” (com leitores com idade igual ou superior a 14 anos e o mínimo de três anos de escolaridade), realizada em 2001 pela Câmara Brasileira do Livro (CBL), Sindicato Nacional dos Editores de Livros (Snel) e Associação Brasileira dos Editores de Livros (Abrelivros), outros tópicos significativos sobre a situação da leitura no país são enfatizados. Um aspecto capital apontado pela pesquisa é o de que o brasileiro lê em média 1,8 livro por ano, índice muito baixo, se comparado ao de países como a França (7,0), os Estados Unidos (5,1), a Inglaterra (4,9) ou a Colômbia (2,4). E esse índice se revela ainda mais crítico quando a pesquisa demonstra que a penetração do livro no país e o acesso a esse objeto cultural são ainda bastante restritos, concentrando-se o mercado comprador de livros nas mãos de 20% da população alfabetizada com 14 anos ou mais, na Região Sudeste, nas grandes cidades e metrópoles, nos estratos de renda mais elevada (classe A) e com instrução superior. E no Maranhão isso não é diferente. Mas é necessário entender que nem sempre foi assim.

Tendo como referencia a citação de Caio Prado Júnior, quer-se demonstrar a formação do leitor no Brasil, e mais especificamente, no Maranhão Colônia: “É assim que se formou e sempre funcionou a economia brasileira: a repetição no tempo e no espaço de

pequenas e curtas empresas de maior ou menor sucesso. Algumas foram fulgurantes, mas pouco ou nada sobrou delas”.

Assim, é a empresa editorial no Maranhão; nos primórdios havia imprensa de padrão internacional¹, ao depois foi como se percebe hoje nos escritos de Laurence Hallewell – “Em meados do século XIX a produção de livros, como uma manifestação incidental da prosperidade maranhense, alcançou volume suficiente, bem com alto padrão de excelência técnica e estética, para novamente chamar nossa atenção para as edições posteriores”.

Nesse diapasão percebe-se que o livro, no Maranhão, sempre foi objeto de preocupação da sociedade ludovicense, pois o povo da província do Maranhão, sempre esteve em contato com a metrópole, com o que devia ser editado e lido, tanto, lá quanto cá. Desde os primórdios o maranhense era preocupado com sua formação, mandando os filhos formarem-se na metrópole e estes ao retorno, traziam na bagagem, o que de melhor havia no mundo das letras; transformando-se ao depois nos vultos da cultura local que se formatava: Gonçalves Dias, Aluisio de Azevedo, Arthur Azevedo, Odorico Mendes, e mais modernamente, ainda no lastro de toda uma edilidade, Sousândrade, Josué Montello, Ferreira Gullar. Bom é de lembrar que na formação do homem leitor, havia na sociedade maranhense, ademais dos jornais só comparados aos da metrópole, livros e obras traduzidas dos grandes escritores.

Nesse solo também, se aclimatou a primeira romancista negra do Brasil: Maria Firmina dos Reis. Fruto de leituras das grandes obras aqui produzidas e traduzidas.

Isso tudo sem falar no que proporcionou o curto desenvolvimento do algodão: um período áureo de desenvolvimento cultural e intelectual simbolizado pela reivindicação de São Luís de ser Atenas brasileira. É bem sabido também, que autores maranhenses como Odorico Mendes, foram grandes tradutores, o que espelha a boa formação da língua portuguesa e conhecimentos de outras.

Veríssimo faz remontar as origens dessa cultura à influencia dos jesuítas, que fizeram da cidade um dos seus maiores centros no Brasil, e registre-se que, como diz Wilson Antonio Vieira, o preeminente vulto da literatura portuguesa do século XVII, aqui passou parte de sua vida, influenciando e lidando com as letras, à busca de uma sociedade mais justa e humana. Pois como ilustra José Veríssimo.

¹A impressão foi introduzido na província pelo governador Bernardo da Silveira Pinto, em novembro de 1821, quando ele instalou uma impressora oficial para produzir o jornal do governo *Conciliador do Maranhão*. O mais moderno prelo da época era o *Columbian*, de ferro, inventado em 1813 por George E. Clymer, da Filadélfia, mas que só ingressou no mercado mundial em 1817, depois que ele emigrou para a Inglaterra, onde seu prelo obteve grande popularidade e logo depois para Soa Luís.

(...) desde o século XVII havia em São Luís poetas, embora nenhum nome tenha chegado até nós, mostra-o o fato da existência de devassas contra os homens versistas, autores de sátira contra os governantes. Bequimão, o cabeça dos motins de 1684, possuía e lia livros de história de revoluções. (José Verrísimo de Matos, 1969)

Então desde ai nota-se que aqui, na Atenas brasileira, não havia só os que produziam, mas havia leitores; poucos, é verdade, como em todo o restante do Brasil, e leitores que se dedicavam ao cultivo da boa leitura, leitura compartilhada, trazida nas malas de couro e nos baús daquela época.

Onomásticos que perduraram na história do Brasil e Maranhão há muitos. Nomes não só literários, mas matemáticos como Gomes de Souza.

Num corte didático, desses epígonos antigos, muito se saboreia na modernidade dos escritores da São Luís de hoje, que mesmo sem palmeiras e sem sabiás, ainda resta a lira de outrora, para ressoar nas praças e avenidas, ou tremular como na lírica do amor social de Tribuzi, que, também, confirmou o ritual do exílio coimbrã. E de lá trouxe contribuições à São Luís.

Em virtude dessas considerações, um outro Poeta, contemporânea de arte e cidade, do anterior, é Nauro Machado, que ilumina –

Bandeira Tribuzi intuiu uma outra realidade a ser vetoriada na síntese do seu ser numa dupla abrangência prospectiva: a da ruptura poética no meio ao qual voltou depois de sua vivencia coimbrã e a de reconstrutivamente, apesar e contra mesmo o **ephos** de sua lírica ancestralidade portuguesa, captar a realidade da terra de onde criança partira e cuja crueldade visual era outra daquela de onde retornara(...).

3 CONCLUSÃO

Parece justo aqui dizer que o povo do Maranhão sempre teve um “amor bizantino pelos livros”, um amor muito parecido àquele descrito por Sérgio Buarque de Holanda em sua magistral Raízes do Brasil, que se serve como corolário de conclusão neste sortilégio literário, coadunado, de fontes entre Portugal e Brasil,

O amor bizantino dos livros pareceu, muitas vezes, penhor de sabedoria e indício de superioridade mental, assim como o anel de grau ou a carta de bacharel. É digno de nota – diga-se de passagem – o valor exagerado que damos a esses símbolos concretos; dir-se-ia que as idéias não nos seriam acessíveis sem uma intervenção assídua do corpóreo e do sensível. (...)

O povo que formou a sociedade maranhense de outrora parece ter criado um gosto pelos livros como o que diziam ter o imperador D. Pedro II – com satisfação dos cinco sentidos –

“**Visual** – pela impressão exterior ou aspecto do livro; **tátil** – ao manusear-lhe a maciez ou aspereza das páginas; **auditivo** – pelo brando crepitar ao folheá-lo; **olfativo** – pelo cheiro pronunciado de seu papel impresso ou fino couro da encadernação; **gustativo** – isto é, o sabor intelectual do livro, ou mesmo físico, ao umedecer-lhe ligeiramente as pontas das folhas para virá-las.

É, portanto, o homem maranhense, herdeiro dileto, de livros e autores, que nas penas do poeta, *faz o povo pensar* ou na lírica do mesmo – *É o (livro) antro onde a liberdade cria águias em seu calor*. Dir-se-ia numa metáfora entre praça e livro – ambos síntese da formação social e intelectual do povo brasileiro.

Porém ainda necessitando suprir aqueles dados nefastos que indicam a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, no qual o brasileiro lê, mas lê pouco. Ou o mesmo que defende o SAEB. É importante observar que, embora nas sociedades atuais a leitura seja imprescindível para o ingresso no mercado de trabalho e para o exercício da cidadania, no Brasil as pesquisas e as avaliações educacionais apontam para a precária formação de um público leitor e revelam as imensas dificuldades para o sucesso das ações envolvidas na solução do problema. Se, por um lado, o sistema educacional brasileiro incluiu os estudantes que estavam fora da escola, por outro, essa inclusão não foi plena, do ponto de vista qualitativo, porque o desempenho dos alunos, revelado em instrumentos de avaliação como o SAEB ou o PISA, tem sido baixo, demonstrando sérios problemas no domínio da leitura e da escrita e o aprofundamento das desigualdades.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- BRASIL. Ministério da educação. **Educação brasileira: políticas e resultados**. Brasília, 2000.
- _____. **PROLER: concepções, diretrizes e ações**. Rio de Janeiro, 1997.
- CÃNDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. São Paulo. Ed. Nacional, 1985.
- FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.
- MARANHÃO. **Diretrizes e estratégias para a política educacional do Estado 1999 - 2002**. Governo do Estado, 1999.
- HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil: sua história** / tradução de Maria da Penha Villalobos e Lólio Lourenço de Oliveira, revista e atualizada pelo autor. São Paulo, T.A. Queiroz /Edusp, 1985.
- MACHADO, Nauro. Tribuzi, bandeira lírica do amor social. In: **Obra poética: Bandeira Tribuzi**. São Paulo, Siciliano/SECMA:2002.

MATOS, José Veríssimo de. **História da literatura brasileira**, 5.ed., Rio José Olympio, 1969, páginas 170 e 171.

MORAES, Jomar. Notas da Academia maranhense de Letras Caderno alternativo – **O Imparcial**, 2001

PRADO JUNIOR, Caio. História, Ática, São Paulo, 1982:II, Formação do Brasil Contemporâneo, pág. 110 NEVES, Lúcia Maria Wanderley. **Educação e política no Brasil de hoje**. São Paulo: Cortez, 1999.

OLIVEIRA, Dalila Andrade de. **Gestão do trabalho e da pobreza**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

PONCE, Anibal. **Educação e luta de classes**. São Paulo: Autores Associados: 1991.

SAVIANI, Dermeval. **Da nova LDB ao novo plano nacional de educação**: por uma outra política educacional. Campinas, SP: Autores Associados, 1998.

SILVA JR, João dos Reis. **Reforma do estado e da educação**: no Brasil de FHC. São Paulo: Xamã, 2002.

VIEIRA FILHO, Domingos. **Breve história das ruas e praças de São Luís**. s/e Maranhão, 1971, pág. 9.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**, São Paulo, Companhia das letras, 1995.

WILSON, Martins. **História da inteligência brasileira**. São Paulo: Cultrix/Edusp; 1977.
Disponível em: <http://www.inep.gov.br/estatisticas/analfabetismo/>. Acesso em: 13 abr. 2005.